

Andréia Alves
andreiapsi07@gmail.com

Psicóloga de orientação psicanalítica, pedagoga, especialista em Psicopatologia e Saúde Pública (FSP-USP). Professora da Educação Básica desde 1994. Psicoterapeuta de adultos e adolescentes desde 2007. Atua como psicóloga em escola pública desde 2014.

Escola sem partido: projeto de destruição do pensamento e das relações de cuidado na escola

O projeto conhecido como Escola Sem Partido tem como inspiração um programa de 2004 dos EUA, que tinha como objetivo fiscalizar e controlar o trabalho dos professores nas escolas. Este programa tornou-se um movimento no Brasil difundido pelo advogado Miguel Nagibe. Em 2014, o deputado estadual do Rio de Janeiro, Flávio Bolsonaro, solicitou a Nagibe que escrevesse um projeto de lei com esse teor. Desde então o projeto passou a ser utilizado e suas ideias reproduzidas por outros deputados e vereadores pelo país. Basta o legislador pegar o projeto e apresentá-lo em sua respectiva casa legislativa. Os legisladores têm a liberdade de apresentá-lo como quiserem. Em alguns casos é chamado de Escola Sem Pedofilia, em outros Escola Livre, fazendo com que não se saiba, muitas vezes, de que se trata do projeto Escola Sem Partido.

Na esfera federal, o deputado Erivelton Santana criou o Projeto de Lei 7.180/2014, que propõe alterar o art. 3º da Lei nº 9.394/1996 (Lei de Diretrizes e Bases - LDB), para incluir entre os princípios do ensino o respeito às convicções do aluno, de seus pais ou responsáveis, dando precedência aos valores de ordem familiar sobre a educação escolar quanto à educação moral, sexual e religiosa.

Estudando o artigo supramencionado com a merecida atenção, percebemos que os professores que educam visando a formação crítica dos alunos estão agindo conforme preconiza a Lei. O trabalho pedagógico é realizado seguindo o projeto político pedagógico da escola, o qual precisa estar em consonância com os critérios e diretrizes estabelecidos pelo Ministério da Educação (MEC). Muitos avanços foram conseguidos nestes 22 anos de LDB, mas muitos ainda estão aquém do desejado. O Projeto Escola Sem Partido vai na contramão deste caminhar. Propõe retrocessos ao legislar sobre o fazer do professor no exercício da pedagogia. Quer supor que seja possível existir uma educação sem nenhuma possibilidade de análise crítica, sem nenhuma possibilidade de interpretação. Como se fosse possível elaborar uma educação sem sentido, sem ideologia.

A proposta do projeto Escola Sem Partido traz em si o contrassenso já em seu título. Um projeto que se quer conhecer como eliminador do partido e da ideologia, nasce de um partido e de uma ideologia específicos. Flávio Bolsonaro, deputado que pertence a um partido, propõe a um advogado (e não um educador, vale frisar) que elabore uma lei que visa eliminar o pensamento crítico das escolas, como estratégia de facilitar o avanço do pensamento conservador e dogmático, uma vez que esses não sobrevivem ao pensamento crítico.

O conhecimento científico se dá a partir de construções de sentidos. Cabe ao professor, através do exercício do pensamento, analisar como foram sendo construídos os sentidos ao longo do tempo. O professor não é um burocrata, como afirmam alguns legisladores, é um profissional que tem o pensamento como instrumento de trabalho. O Escola Sem Partido pretende reduzir este instrumento, construído de maneira sofisticada, através de livros, cultura e relações, a algo técnico, burocrático.

O educador Paulo Freire, em seu livro *Pedagogia da Autonomia*, defende que ensinar exige pesquisa, respeito aos saberes dos educandos, pensamento crítico, estética e ética, corporeificação da palavra pelo exemplo. Exige rejeição a qualquer forma de discriminação, reflexão crítica sobre a prática, reconhecimento e assunção da identidade cultural. Este mesmo educador, referência mundial, criticado de maneira infundada e descabida pelos defensores do Escola Sem Partido, afirma também que não há docência sem discência, que o aprendizado se dá a partir das relações do docente com o discente, sem se reduzirem à condição de objeto um do outro. Ainda como nos afirma Paulo Freire, ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou sua construção. Nas palavras do educador:

Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquieto, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento. (Freire, p. 47)

Exercer o trabalho de professor sob a mira desta proposta autoritária, inibidora e coercitiva, é sucumbir a relação professor-aluno, é eliminar a construção necessária da confiança e do respeito entre estes agentes. A educação se dá em ato, se dá nas ações, no fazer. Não se educa para a vida, o ato de educar é a própria vida. Não se educa para o futuro, se educa para o agora. A relação não se aprende nos livros, se aprende vivendo, em ato, em ação. Educa-se para o pensar autônomo e para a capacidade de sair de si mesmo. Os alunos não estão presos entre os muros da escola, eles convivem socialmente em outras relações e espaços sociais. Capacitá-los a pensar é capacitá-los a serem livres, é instrumentalizá-los para combater as desigualdades. É contra essa capacitação que milita o Escola Sem Partido.

Como abster-se da relação no processo ensino-aprendizagem? Como dizer aos professores para limitarem-se apenas e somente a transmitir o que está nos livros? Seria preciso fingir não ouvir uma aluna de 8 anos dizer, enquanto brinca e aprende matemática, que está preocupada com sua mãe porque, ao sair para ir à escola, a deixou brigando com seu pai, que já a agrediu diversas vezes, numa delas quase a matou. Como deveria agir ao ser preciso convocar o responsável de outra aluna, também de 8 anos, para que tivesse cuidados com sua higiene pessoal porque estava sendo motivo de zombarias e nenhum colega queria sentar-se junto a ela ou brincar e a criança vinha queixar-se, aos prantos? Como abster-se perante a aluna de 9 anos que relatou ter apanhado de sua irmã de 15 anos, sendo arrastada pelo chão e tendo que fugir correndo, gritando por socorro, toda mijada e descabelada de medo? Irmã esta, que acabara de dar a luz e que também precisava de cuidados.

Segundo o que prega o Escola Sem Partido, a função do professor não é desenvolver o pensamento crítico. Sendo assim, questiono como deveria proceder ao ser procurada por uma aluna de 11 anos que, chorando, disse temer que sua irmã fizesse alguma coisa ruim com sua mãe? Esta aluna relatou ter ouvido do pastor durante um culto, que quem usa drogas agride os familiares.

Escola Sem Partido também prega que o professor deve seguir o que for de desejo da família quanto a educação de seus filhos. Sendo assim, como agir com o aluno de 10 anos que, em seus desenhos, se retrata muito forte e relata que quer ser forte para enfrentar seu pai porque bate em sua mãe e expõe seu irmão de 4 anos a filmes pornográficos? O que fazer ao ouvir de um aluno de 7 anos que relatou ter visto seu pai com as calças arreadas segurando a mão de sua prima de 8 anos, fazendo-a colocá-la em sua genitália?

Segundo a futura ministra dos direitos humanos, pastora Damares Alves, defensora do Escola Sem Partido, falar sobre cultura africana e sobre gênero nas escolas, é fazer confusão espiritual e confusão de valores de família. Como então proceder junto a aluna que, entristecida, confidencia que não fala às amigas sobre a religião de sua família por temer ser ridicularizada e perder as amizades? O que fazer quando há agressões à aluna que gosta de jogar futebol e ao menino que gosta de dançar?

Ao escrever este texto lembrei-me de todos esses ocorridos (poderia passar dias escrevendo outros mais, afinal são 23 anos na educação). Fui sendo tomada pela emoção e me dando conta do por que fora tão difícil escrevê-lo.

Enquanto escrevia sentia um misto de tristeza e alegria. Foi passando um filme da minha carreira na educação e as imagens eram sempre dos momentos em que eu estava mais perto aos alunos. Para minha grata surpresa, em meio a minha escrita, recebi uma mensagem de um ex-aluno numa rede social. Este ex-aluno, hoje com 29 anos de idade, olhando seus álbuns de fotografia, encontrou uma foto em que estava comigo em sua formatura da antiga 4ª série, hoje 5º ano. Disse-me que ao ver a foto ficou emocionado e resolveu compartilhar sua emoção. Enviou a mim uma cópia da foto com os dizeres: *Obrigado por fazer parte do meu aprendizado e da minha vida. É amor pra vida toda.*

O Escola Sem Partido se configura na retirada da obrigação do Estado em oferecer educação crítica e de qualidade, além de impedir que realize a função de proteção e cuidado das crianças, sobretudo das mais desprovidas de recursos (familiares, financeiros e culturais), deixando-as à própria sorte. É um retrocesso dos avanços conseguidos a partir das políticas de afirmação. O projeto é apresentado como apartidário e sem ideologias, mas representa, claramente, o autoritarismo, o machismo, a homofobia e tudo o que é avesso aos direitos humanos. A onda conservadora que emergiu no país pretende tomar as escolas para consolidar seu projeto de poder.

Afeita ao ofício de professor, encerro dizendo que continuarei a pensar, sentir, ser e estar e, mais do que nunca, lutar. E lutarei com meus colegas, como sempre fizemos. E não estamos sozinhos, temos a força de outras categorias profissionais, dos alunos, dos seus familiares, da comunidade... E desta vez a luta será ainda maior porque querem acabar com o pensar e com o sentir. Querem acabar com a nossa profissão. Mas não arredaremos o pé. Não iremos esmorecer! Continuaremos a denunciar e resistir!

Referências

- Alves, D. Ideologia de gêneros e livros impróprios. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=9_PSmCR_r_o. Acesso em 12 de dez de 2018.
- Freire, P. (2015) Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 51ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Câmara dos deputados. PL 7180/2014. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=606722>. Acesso em 30 de nov. de 2018.
- Comissão especial escola sem partido. PL 7180/2014. Disponível em: http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1661955&filename=VTS+1+PL718014+%3D%3E+PL+7180/2014. Acesso em 05 de dez de 2018.
- Voz Ativa. Educação, com Anete Abramovicz. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i8sMGKKCBUE>. Acesso em 13 de 2018.